



Imagens do feminismo e do ser feminista na mídia¹

Isabelle da Silva MARINHO²

Ariane PEREIRA³

Universidade Estadual do Centro-Oeste (Unicentro), Guarapuava, PR

RESUMO

Há alguns anos, o feminismo passou a ser incluído nas pautas dos veículos de comunicação, em especial, o jornalismo. Com isso, muitas pessoas, que nunca haviam ouvido a respeito do movimento, começaram a tomar conhecimento dele - o que é, reivindicações, participantes. Não obstante, muitas opiniões sobre a imagem do feminismo e do ser feminista se formaram a partir de impressões deixadas, ou possibilitadas, pelas abordagens midiáticas. Dessa maneira, o intuito dessa pesquisa é analisar os discursos jornalísticos (reportagens e colunas de opinião) colocados em circulação pela revista *Veja* com o intuito de compreender como a publicação semanal mais longeja do Brasil em circulação enuncia o feminismo e o ser feminista, a fim de entender se a abordagem favorece a manutenção e a solidificação de estereótipos sobre a temática ou se, ao contrário, possibilita uma reflexão mais neutra do que é o movimento, seus fundamentos e objetivos.

A partir, então, da compreensão dos estudos feministas, de conceitos analíticos de Michel Foucault e do jornalismo com perspectiva de gênero, essa pesquisa tem como proposta estudar como *Veja* discursiviza o feminismo e o ser feminista nos anos de 2017, 2018 e 2019, de modo a observar se há avanços ou retrocessos, distensões ou concordâncias nas abordagens ao longo dos três anos citados. Vale ressaltar que, para Foucault, as condições de possibilidade (sociais, culturais, políticas e econômicas, por exemplo) são constitutivas do dizer. Desse modo, o ano de 2018 é significativo para esse estudo na medida em que é quando Jair Bolsonaro é eleito presidente do Brasil, como uma espécie de consequência de uma onda conservadora que atinge o país. Assim, entende-se essa pesquisa como importante para os estudos da comunicação na

¹ Trabalho apresentado na IJ08 – Estudos Interdisciplinares da Comunicação do XXI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, realizado de 16 a 18 de junho de 2022.

² Graduada em Jornalismo pela Universidade Estadual do Centro-Oeste (Unicentro), bolsista de Iniciação Científica CNPq. Email: isabellemarinho420@gmail.com.

³ Orientadora. Professora do curso de Jornalismo e do Mestrado em História da Universidade Estadual do Centro-Oeste. Email: ariane@unicentro.br



medida em que possibilita a compreensão de como o jornalismo aborda discursivamente as pautas referentes à busca por igualdade e equidade entre os gêneros.

Para o desenvolvimento das análises propostas, lançamos mão da metodologia estabelecida por Michel Foucault, que sugere que o pesquisador das áreas de ciências sociais e humanas deve empreender um “diagnóstico do presente”. O diagnosticador, segundo o pensamento foucaultiano, deve visibilizar o que é visível e, por isso, tão óbvio e ligado à sociedade que não é visto. Ao fazer essa ontologia do contemporâneo é possível desnaturalizar o objeto de estudo - neste caso, os discursos jornalísticos acerca do feminismo e do ser feminista. “Nietzsche foi o primeiro a definir a filosofia como sendo a atividade que serve para sabermos o que acontece e o que acontece agora. Em outras palavras, somos atravessados por processos, movimentos, forças. Não conhecemos esses processos e essas forças e o papel do filósofo é, sem dúvida, diagnosticar essas forças, diagnosticar a atualidade. Responder às perguntas: quem somos e o que está acontecendo?” (FOUCAULT, 2011, p. 225). Para Foucault, no processo de diagnosticar o presente, o olhar decide um ponto decisivo e escolhe diretamente o que vai focar, estudar, apontar, denunciar. Cabe ao intelectual, segundo Foucault, não dizer verdades proféticas sobre o futuro, mas reconhecer as forças do dispositivo de poder e a verdade que movem a atualidade.

Tendo como ponto de partida o diagnóstico do presente, para realização desta pesquisa foram levantadas as matérias publicadas por *Veja* nas edições de 2017, 2018 e 2019 que citavam os termos feminismo e/ou feminista, a partir da busca por palavras-chave. Foram localizadas 91 reportagens, notas e colunas - 28 publicadas em 2017, 42 no ano seguinte e 21 nos últimos doze meses da pesquisa. Dentre todas estas matérias, 28 foram selecionadas e compõem o corpus para a análise. Essa escolha se deu seguindo como critério as reportagens, notas e colunas que tinham como tema central o feminismo ou o ser feminista, sendo descartadas as que apenas citavam os termos em aspectos secundários. Para a análise, recorreremos à conceitos teóricos oriundos dos estudos feministas, de gênero e do jornalismo com perspectiva de gênero.

O movimento feminista se concentra na luta por igualdade de direitos entre homens e mulheres. Nesse processo de construção de uma sociedade com equidade entre os gêneros, são pertinentes diferentes pautas como o fim da violência contra mulher e a equivalência de salários no exercício de mesma função profissional. Apontar



história muitas mulheres lutaram para serem ouvidas e receber respeito. Todavia, é necessário ressaltar como as revoluções liberais inspiradas em ideais iluministas alavancaram muitos grupos de luta feminista, sobretudo entre a classe média alta e branca. A história do feminismo no Brasil e no mundo é dividida em três ou quatro momentos. As chamadas “ondas feministas”. A primeira tem início no fim do século XIX e segue até o final dos anos 1960. Essa geração de feministas tem como foco principal os direitos de votar e ser votada. Elas também eram contra à escravidão, lutavam por um ensino de qualidade, pelo direito de frequentar universidades e de trabalhar sem a autorização do marido. Um feminismo considerado “comportado” e com a maior parte (senão toda) de suas integrantes pertencendo à elite econômica e intelectual, o que teria facilitado muitas conquistas. “Algumas dessas manifestações são organizadas, outras são vozes solitárias de mulheres que se rebelam contra as condições em que viviam na época” (PINTO, 2003, p.14).

A segunda onda feminista, que vai dos anos 1970 até o final do século 20, baseou suas lutas no livro “O segundo sexo”, de Simone de Beauvoir. Essas mulheres lutavam pela igualdade, levantando bandeiras contra a violência sexual e a ditadura militar, também defendiam a valorização do trabalho feminino e reivindicavam o direito a uma maior autonomia do prazer e da sexualidade. Foi a geração em que as feministas mais foram para as ruas. “As grandes manifestações feministas nos anos 1980 eram arrojadas e criativas. Às vezes elas eram temáticas e as mulheres iam vestidas como donas de casa, como estátua da liberdade, como empregadas domésticas, polemizando sobre a dupla jornada e denunciando as desigualdades” (SCHUMAHER, 2018, p. 477). A política ainda era um dos temas mais abordados nesse feminismo. Agora não pelo voto, mas pela criação de um organismo responsável pela implementação de políticas voltadas à mulher.

A terceira onda feminista é carregada de críticas e polêmicas. Nesse período, as mulheres negras começaram a questionar se o movimento era para todas, fazendo com



INTERCOM Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
XXI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul – Balneário Camboriú - SC – 16 a 18/06/2022
que a questão racial entrasse na agenda feminista. É nesse momento também que o

conceito de gênero começou a ser usado de forma mais ampliada. Questões discutidas na segunda onda foram recolocadas, como as manifestações sobre o corpo da mulher, trazendo o direito ao aborto seguro e legalizado como pauta. A quarta onda é vista como um ativismo digital. “Nas redes sociais digitais são recorrentes as campanhas que defendem a igualdade de direitos e oportunidades para as mulheres” (PEREZ; RICOLDI, 2019, p. 9).

Tempos após seu surgimento, o termo “feminismo” ganhou grande destaque entre os anos de 2015 e 2017, sendo considerado a palavra do ano em 2017 pelo dicionário Merriam-Webster. Desta forma, a grande mídia passou a falar do assunto com mais frequência. O conceito começou a alcançar, assim, pessoas que não haviam ouvido falar sobre ele, formando sua opinião sobre o movimento pelo jornalismo. A apropriação do movimento pela mídia, levou jornalistas mulheres, engajadas com a causa, a proporem o exercício do jornalismo a partir de uma perspectiva de gênero. “Muito se fala, falamos, das dificuldades com que os meios de comunicação abordam certas temáticas vinculadas ao gênero: porque falam de crimes passionais quando se trata de violência de gênero, porque veem um menino que mora na rua como um delinquente, porque colocam a câmera cruelmente contra meninas e mulheres que praticam a prostituição, porque insistem na objetividade do jornalismo como desculpa para fazer 'todas as vozes' falarem em questões que colocam a vida das mulheres em risco” (CHAHER; SANTORO, 2007, p. 11). Admitir que há diferenças entre os gêneros é um dos primeiros passos para assegurar a igualdade. Katrin Gothmann sugere que sejam feitas duas perguntas para entender se há como abordar um determinado assunto/pauta a partir da perspectiva de gênero: 1) O tema afeta a vida diária de uma das partes da problemática?; e 2) Existem, neste âmbito, diferenças entre homens e mulheres? É interessante a análise do enfoque em gênero quando alguma das respostas para essas perguntas for positiva. Há uma diferença, ainda, entre matérias que visibilizam mulheres e matérias com perspectiva de gênero, o que confunde muitos



homens, as segundas propõem um novo tipo de olhar que inclui ambos. As notas com perspectiva de gênero não excluem os homens. Ao contrário. A abordagem de todos os sujeitos incluindo-os é o que os diferencia” (CHACHER, 2007, p. 135).

Os estudos sobre o jornalismo com perspectiva de gênero são considerados recentes, pelo menos na América Latina. Sendo assim, são muitos os profissionais que não têm a capacitação necessária para trabalhar com esse enfoque. Porém, com o feminismo se tornando cada vez mais falado e mais pedido na agenda pública, muitos jornalistas e editores procuram escrever sobre o assunto. O equívoco não está em escrever sobre, é necessário que o movimento ganhe mais voz nos meios de comunicação.

Os textos publicados pela revista *Veja* ao definir o feminismo e o ser feminista não só os estereotipam, como também os descredibilizam. Como a linguagem não é neutra, ela “reflete a relação dos sexos na sociedade e a posição das mulheres nessa relação. A linguagem é o espelho no qual a sociedade se reflete. O domínio do masculino na sociedade significa que o masculino determina o uso da língua” (SANTORO, 2007, p.141). Desta forma, uma linguagem sexista determina diretamente o cunho preconceituoso da mensagem. Numa análise tecida a partir do jornalismo com perspectiva de gênero e dos estudos foucaultianos, torna-se perceptível como preconceitos contra a mulher e o movimento feminista são naturalizados e comumente aceitos, comprometendo a luta pela equidade.

Dos 28 textos que compõem nosso corpus, 15 continham colocações negativas ou linguagem sexista e estereótipos sobre o feminismo, e é sobre eles que voltaremos nosso olhar nesse resumo. Em “Confissão de José Mayer indica sobrevida de primitivismos morais”, publicado em abril de 2017 na coluna de Reinaldo Azevedo, mesmo como foco sendo um abuso sexual, o texto volta-se contra o movimento e afirma que “há um feminismo (ou feminismos) estúpido, anti-homem e, em muitos aspectos, anti-humanista”. Em “Sem mimimi: por que Bolsonaro pode vencer as eleições”, de



INTERCOM Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
XXI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul – Balneário Camboriú - SC – 16 a 18/06/2022
julho de 2018, Maicon Tenfen, ao falar sobre o eleitorado de Bolsonaro, escreveu que

“são gente comum, com os pés bem plantados no cotidiano, pais de família, profissionais liberais, estudantes, mulheres que se sentem intimidadas com a vigilância das feministas”, como se essas atuassem contra as mulheres. Já na coluna Augusto Nunes, em texto assinado por Ana Paula Henkel, de 2019 e atualizado em 2020, o feminismo aparece como um movimento de ódio: “fica cada dia mais óbvio que o atual feminismo, e os engajados pagadores de pedágio ideológico, tem muito mais raiva dos homens do que amor pelas mulheres”.

O feminismo é uma temática levantada há anos, baseado premissas em prol da equidade de gênero, que parece distante de ser conquistada, mas que seria mais longínqua se não fosse pelo movimento. Porém, a maioria do material da revista estudada não compreende o jornalismo como espaço para mulheres alcançarem a equidade. Pudemos concluir também que a falta de uma capacitação na área atrasa e atrapalha a disseminação do feminismo, além do enfoque em gênero que é uma potente ferramenta para alcançar os objetivos feministas.

Referências:

- CHAHER, Sandra; SANTORO, Sonia. **Las palabras tienen sexo: introducción a un periodismo con perspectiva de género**. 1a. ed. Buenos Aires: Artemisa Comunicación Ediciones, 2007.
- FERREIRA, Maria Cristina. Sexismo hostil e benevolente: inter-relações e diferenças de gênero. **Temas psicol.**v. 12, n. 2, Ribeirão Preto, 2004.
- FOUCAULT, Michel. **Ditos e Escritos Volume 7** - Arte, Epistemologia, Filosofia e História da Medicina. Rio de Janeiro: Forense, 2011.
- GROS, Frédéric. **Foucault: a coragem da verdade**. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.
- HOLLANDA, Heloísa Buarque de. **Explosão Feminista** - Schuma Schumacher. 2.ed. São Paulo: Companhia de Letras, 2018.
- KETZER, Patrícia. Como pensar uma Epistemologia Feminista? Surgimento, repercussões e problematizações. **Argumentos**, ano 9, n. 18. Fortaleza, 2017.
- PEREZ, Olívia Cristina; RICOLDI, Arlene Martinez. A quarta onda feminista: interseccional, digital e coletiva. **ALACIP**. Julho; Agosto, 2019.
- PINTO, Céli Regina Jardim. **Uma história do feminismo no Brasil**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2003.
- SCHUMAHER, Schuma. **Explosão Feminista** - Schuma Schumacher. 2. ed. São Paulo: Companhia de Letras, 2018.